

11/2/1970.

# Vieira e os futurólogos

CMP 1.2.1.23

Tito Livio Ferreira

Histórias do Brasil, ensaios sócio-políticos, pesquisadores e monografias sem a linguagem histórica, isto é, sem a linguagem do documento, que é a verdadeira linguagem da História, não nos faltam. Faltam-nos historiadores. Entre nós, a história ainda é tida como gênero literário romântico. O escritor borda, tece, pinta suas opiniões no bastidor do documento. Substitui a linguagem histórica pelas suas palavras. Os comuno-entreguistas da história do Brasil usam o palavrorio político-econômico inventado há mais de cem anos pelo profetólogo Carlos Marx e exclusivo do "materialismo histórico" também aceito pela "teoria materialista da história" ou ainda "teoria econômica da história", segundo Frederico Engels. Três nomes falsos do verdadeiro sofisma: doutrina comunista. Com essa dialética vazia escrevem uma "sociologia vulgar e abstrata", na expressão insuspeita de Lenin, impingida ao estudante indefeso pelos comuno-entreguistas da história brasileira. E deformam as inteligências, alienando-as.

Por essa forma, os escritores de nossa história ignoram a linguagem do documento e arvoram-se em juizes do passado. Criticam os homens de outrora. Nada sabem da evolução psicológica da criatura humana. Julgam-se no direito, como cidadãos, de menosprezar, denegrir e descompor os vassallos, como se eles fossem seus inimigos pessoais, e o mundo não houvesse mudado. Intervêm nos acontecimentos de outros séculos, como comparsas mediunicos. E desenvolvem a filosofia do "achismo", com o "diálogo" dos surdos e a conseqüente "contestação" destrutiva monologada. Tanto para os escritores da história do Brasil sem a linguagem documentada, como para os comuno-entreguistas da história pátria, o documento atrapalha. Não o compreendem nem o explicam. "Interpretam" o fato conforme o palavreado marxista estuante de ódio a Portugal e aos portugueses. Luso-descendentes jacobinos e marxistas-leninistas se juntam para difamar seus antepassados lusitanos. E revelam sua ignorância histórica, exaltando-a.

Nesse caso, futurólogos capitalistas e comunistas se aliam a escritores da história do Brasil sem a linguagem do documento. Estes deformam o passado, aqueles são os sociólogos do porvir, as ficcionistas do futuro. Todos estão presos pelo cordão umbilical do tempo ao padre Antonio Vieira, jesuita português do século XVII, autor de uma famosa "História do Futuro". Graças aos ensaios dos escritores da história do Brasil sem a linguagem histórica, os futurólogos de todos os naipes expõem as suas profecias no dialeto político e econômico marxista enevoado pela teoria materialista da história. Por serem intelectuais, não acreditam na História, ciência explicativa do documento. E Henri Beyle, (Stendhal) considera a História a mais difícil de todas as ciências, porque é a ciência das ciências.